

A Velocidade na Comunicação: questões de emissão e recepção na sociedade da cibercultura¹

Dirceu Martins Alves²
Universidade Estadual de Santa Cruz, BA

Resumo

O presente trabalho discute a velocidade na comunicação, a partir de uma análise do ritmo da produção, veiculação e recepção da informação na sociedade da era da cibercultura. As redes de computadores ligados pela internet estão propiciando a comunicação através de jornais online, portais online, de notícias com conteúdo informativo ou meramente de entretenimento, e através das redes sociais os usuários podem unir todas essas interfaces num único espaço. O leitor de jornais online tem um espaço para comentar as notícias na própria página do jornal, ou em filtrações dos conteúdos para a sua rede social. Isso está apontando para um novo paradigma no processo de comunicação, que é o do receptor que atua diretamente também como emissor. Se a velocidade é uma condição do tempo pós-moderno, devemos reorientar nossas teorias, incluir os estudos de recepção como uma nova epistemologia.

Palavras-chave: velocidade; comunicação; rede social; cibercultura; recepção.

Introdução

A velocidade é o meio e o princípio dessa era que muitos chamam de pós-moderna. A vida rápida das cidades modernas se acelerou na cultura pós-moderna, de modo que muitas vezes a velocidade é um fim em si mesmo, conseguir mais velocidade. Analisar a nossa sociedade atual neste aspecto exige uma consideração sobre o tempo, o que implicaria em considerações filosóficas, ontológicas, sociológicas, psicológicas, e inclusive biológicas,

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² (Prof. Dr. Adjunto da Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, curso de Comunicação Social. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, mídia e cultura: tradições e traduções (CNPq/UESC), email: dirceumalvez@gmail.com)

pelas alterações psíquico-químicas que sofremos junto com essa transformação de ritmo da vida social. E a comunicação na sociedade da cibercultura tem esse aspecto da velocidade como um fator importante para o estudo.

Um dos símbolos da busca de velocidade na comunicação mais interessantes talvez seja o ato do soldado grego que correu os 42 km que existem entre as cidades de Atenas e Maratona, para levar uma informação, dando origem às provas de corridas de maratona que temos ainda hoje. Mas já nos tempos modernos, mais precisamente na primeira metade do século XIX, Edgar Allan Poe foi quem melhor leu a necessidade da velocidade na comunicação em consonância com o ritmo da vida social. Poe entendeu que na vida moderna das cidades, movida com bondes e carruagens de aluguel, as pessoas não tinham mais tempo para ler epopeias. O leitor precisaria de textos “curtos que pudessem ser lidos de uma assentada”, na ida ao trabalho, ou na volta para casa. Orientou seu projeto literário para se conectar com essa velocidade, escrevendo contos e poema, evitando os romances. Saindo dos Estados Unidos, do outro lado oceano, em Paris, o poeta Charles Baudelaire, após fazer uma pausa na tradução dos contos de Poe, decide sair à rua, talvez para comprar tabaco. Mal tira os pés da calçada para cruzar a avenida e uma carruagem veloz passa raspando a barra de seu casaco, obrigando-o a se jogar para trás para não ser atropelado. Baudelaire comenta o fato estupefato, dizendo que quase fora apanhado por uma “carruagem”, tamanha era a velocidade que a vida estava correndo nas grandes cidades, e nas patas dos cavalos. O filme *Os tempos modernos*, de Chaplin, é um monumento ilustrativo e crítico dessa velocidade que a sociedade industrial estava sendo submetida, ou submetendo-se, já no começo do século XX.

Utilizei Poe, Baudelaire e Chaplin como modelos críticos da velocidade do tempo social, aquele que compartilhamos com os outros para coexistirmos no sistema, com o objetivo de elucidar como o processo vem avançando até a época das grandes tiragens diárias dos jornais impressos nas cidades. O impresso, seja em jornais diários ou semanário marcou um dos principais modos de emissão e recepção de informação durante o século XX. Pensar em informação era pensar em jornal impresso primeiro, depois rádio, televisão e cinema. Com a chegada da Internet surgiram os portais de informação e entretenimento, e os jornais passaram a ter competitividade na atenção de seus leitores. Não demorou para que surgissem as versões digitais dos mesmos jornais tradicionais, logo depois surgiu a possibilidade de leitura não apenas digitais, mas também online, aquela que vai se atualizando durante o dia no portal dos periódicos. Mas juntamente com a possibilidade da

leitura online, ou um pouco antes, surgiram as redes sociais. E dependendo do espaço geográfico, podemos considerar que foi um pouco depois também. Com as redes sociais aumentaram as possibilidades de conexões dos conteúdos dos jornais, blogs, portais, revistas, tudo que estiver disponível de forma digital pode ser filtrado para as páginas pessoais das redes sociais, onde são compartilhadas, curtidas, comentadas, reproduzidas em grande escala.

O impresso perdeu poder, passou a ter de conviver com outros modos de recepção de seus leitores. Temos, assim, duas ou três questões das mais importantes para discutir. Com a possibilidade dos leitores de jornais online poderem comentar as matérias publicadas, abrimos espaço para os estudos da recepção, pois antes, no jornal impresso tínhamos a seção “Carta do leitor”, onde se publicavam algumas cartas, selecionadas entre as tantas dos leitores. Era a única possibilidade do leitor saber a opinião de outro leitor, através do próprio veículo. Agora na versão digital o leitor comenta e ajuda a compor o significado da notícia, seu comentário é lido logo, junto com as chamadas das matérias. Nas redes sociais este leitor aumenta sua participação como receptor porque comenta algo que ele mesmo filtrou de outro lugar, ou que algum amigo virtual filtrou. Há também o debate pelo comentário do comentário do outro, como se fossem réplicas e trélicas das opiniões emitidas. Há um leitor/receptor/escritor na sociedade da cibercultura que é receptor e emissor ao mesmo tempo, e este fator aponta para o surgimento de um novo paradigma no processo de comunicação, que precisa abandonar a análise centrada na direção da informação emissor → receptor, como via única do processo de transformação da informação em comunicação efetivada. O termo “mudança de paradigma” é utilizado aqui como observação de uma transformação social e científica importante, e não como um juízo de valor sobre o progresso ou o regresso social, na linha dos apocalípticos e integrados. Precisamos olhar para o nosso presente com a retrospectiva do passado, segundo Thomas Kun:

O historiador da ciência que examinar as pesquisas do passado a partir da perspectiva da historiografia contemporânea pode sentir-se tentado a proclamar que, quando mudam os paradigmas, muda com eles o próprio mundo. Guiados por um novo paradigma, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar em novas direções. E o que é ainda mais importante: durante as revoluções, os cientistas veem coisas novas e diferentes quando, empregando instrumentos familiares, olham para os mesmos pontos já examinados anteriormente. E como se a comunidade profissional tivesse sido subitamente transportada para um novo planeta, onde objetos familiares são vistos sob uma luz diferente e a eles se apregam objetos desconhecidos. (KUN, 1998, p. 145, 146)

A velocidade joga aqui um jogo de no mínimo duas facetas: se por um lado ela permite que os conteúdos sejam elaborados, veiculados, e recebidos com muita velocidade em relação a quase tudo que ocorre no mundo globalizado, por outro, ela não permite que se tenha tempo de elaboração cuidadosa das informações, nem tempo para que os usuários leiam e reflitam com tempo suficiente sobre o que estão lendo, curtindo, opinando, e compartilhando. A velocidade é um dos fatores de criação dessa cultura. Mas como tudo é muito rápido tendemos ao elogio das facilidades de comunicação e do acesso democrático à emissão e recepção de opiniões. Esquecemos, muitas vezes, do fator consumo à que todo o processo se orienta, com o domínio de grandes empresas corporativas por trás das redes sociais, da produção de tecnologia, e do domínio de mercados na venda de aparelhos móveis de comunicação, que se destinam ao grande público.

A velocidade como fonte criadora da cultura cibercultural

A velocidade como mote de tudo que é feito na Internet, principalmente para quem tem acesso rápido, recebe reprovação de muitos críticos, avessos a essa rapidez que segundo eles termina por pairar na superfície das coisas. Baudrillard foi um desses. Rüdiger (2013) coloca Trivinho e Kroker como autores da tecnoapocalipse. Outros são tão entusiasmados com tudo no mundo da Internet que proclamam a chegada da verdadeira democracia a partir de seu uso, e as possibilidades que ela oferece de liberdade. Pierre Levy se aproximaria bastante desses, principalmente em seus primeiros estudos, onde revela um humanismo utópico. Estes dois lados de opiniões opostas ao mundo da Internet recriam a divisão que Umberto Eco (2002) fez sobre os críticos da cultura de massa entre *Apocalípticos e Integrados*. De um lado os entusiasmados com a cultura de massa como a revolução do conceito de cultura, a integração da massa pelo acesso aos bens culturais, ainda que apenas massivos, e de outro os pessimistas, pregando o pessimismo como a morte da esperança de cultura espiritual pela padronização que a cultura de massa impunha à todos. São dois modos de ver sobre a Internet e a cultura que se cria a partir dela. Talvez isso ocorra porque a Internet é um bem que acentua, entre os benefícios de facilidades na comunicação, também a instigação do consumo da cultura de massa, chamada também de indústria cultural. Ela própria, a Internet, se configura como produto de cultura de massa, pela

quantidade de usuários, e indústria cultural, porque é gerada pelas indústrias, e pela quantidade de bens simbólicos que por ela circulam. Castells explica que

A cultura da Internet caracteriza-se por uma estrutura em quatro camadas: a cultura tecnomeritocrática, a cultura hacker, a cultura comunicativa virtual e a cultura empresarial. Juntas, elas contribuem para uma ideologia da liberdade que é amplamente disseminada no mundo da Internet. Essa ideologia, no entanto, não é a cultura fundadora, porque não interage diretamente com o desenvolvimento do sistema tecnológico: há muitos usos para a liberdade. (CASTELL, 2003, p. 34).

A Internet é um negócio, antes de tudo, e assim estão implicadas as empresas, os governos, os usuários mais comportados, que pagam as contas, e os hackers, que subvertem a ordem, provocando a entropia do sistema. Não seria o caso hoje, para um debate na pesquisa sobre comunicação, vir a ser nem tão apocalíptico nem tão integrado. Não creio nessa total decadência humana, pelo menos de forma assim generalizada. Estamos vivendo na era da Dromocracia cibercultural, “é o nome dessa nossa época, a fase planetária do capitalismo articulada pela velocidade das redes digitais”, Trivinho (2007), Santaella (2010), Virilo (2006). A dromocracia como estágio avançado do capitalismo exige a dromoaptidão, que quer dizer ser rápido. Rápido para manusear os ícones do celular, do *tablet*, do smartphone e dos computadores. Muitos usuários dessa tecnologia têm baixo nível de leitura por haver feito pouco estudo em escola formal, mas têm dedos ágeis na manipulação das teclas dos aparelhos conectados. Têm dromoaptidão, estão inseridos no mercado participativo, mas também no mercado de consumo capitalista de bens e serviços de tecnologia móvel de comunicação. Um dos pontos centrais para pensarmos a recepção. Em uma palavra, pertencem ao sistema social mais do que nunca. Todo usuário de sistemas digitais conectados à Internet contribuem para a velocidade da vida social, formam parte da rede. Algo que vem se formando há bastante tempo, sem percebermos o impactos reais de transformação social no campo da comunicação:

A internet é hoje uma gigantesca máquina de contato e de troca de informações. Estamos efetivamente entrando na era da conexão móvel. Depois do PC (computador pessoal) isolado dos anos 60-70, da popularização da internet fixa com o CC (computadores coletivos) nos anos 80-90, estamos vendo, no começo do século 21, a emergência da era do CCm (computadores coletivos móveis). Novas práticas e usos da informática surgem, como vimos, com essa mudança de paradigma. A internet fixa mostrou o potencial agregador das tecnologias de comunicação. Agora a internet móvel está aproximando o homem do desejo de ubiquidade fazendo emergir uma nova cultura telemática, com novas

formas de consumo de informação e com novas práticas de sociabilidade. (LEMOS, 2005, p. 15).

As novas práticas de sociabilidade convivem com as outras, velhas práticas, em convergências ou em mundos paralelos. Muitas vezes não percebemos o momento de transformação porque essas mudanças culturais não são lineares, como afirma Santaella:

Não há uma linearidade na passagem de uma era cultural para a outra, pois elas se sobrepõem, misturam-se, criando tecidos culturais híbridos e cada vez mais densos. Essa densidade estava fadada a intensificar-se com a chegada da cultura digital. (SANTAELLA, 2003, p.81).

A rede é um sistema aberto em expansão na sociedade da informação

Para uma análise da sociedade da informação em rede precisamos ter em conta que a velocidade muda nossas possibilidades de controle do objeto, a rede está sempre em expansão. Para explicar melhor o que é rede utilizo Castells, para quem ela é um ponto central de estudos da sociedade na era da informação. A citação é longa, mas evita que se faça paródia e não consiga explicar também quanto ele:

Primeiro, definirei o conceito de rede, visto que ela desempenha papel central em minha caracterização da sociedade na era da informação. Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é um ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos. São mercados de bolsas de valores e suas centrais de serviços auxiliares avançados na rede dos fluxos financeiros globais. São conselhos nacionais de ministros e comissários europeus da rede política que governa a União Europeia. São campos de coca e papoula, laboratórios clandestinos, pistas de aterrissagens secretas, gangues de ruas e instituições financeiras para lavagem de dinheiro na rede de tráfico de drogas que invadem as economias, sociedades, estados no mundo inteiro. São sistemas de televisão, estúdios de entretenimento, meios de computação gráfica, equipes para cobertura jornalística e equipamentos móveis gerando, transmitindo e recebendo sinais na rede global da nova mídia no âmbito da expressão cultural e da opinião pública, na era da informação. A topologia definida por redes determina que a distância (ou intensidade e frequência da interação) entre dois pontos (ou posições sociais) é menor (ou mais frequente, ou mais intensa), se ambos os pontos forem nós de uma rede do que se não pertencerem a mesma rede. Por sua vez, dentro de determinada rede os fluxos não têm nenhuma distância, ou a mesma distância, entre os nós. Portanto, a distância (física, social, econômica, política, cultural) para um determinado ponto ou posição varia entre zero (para qualquer nó da mesma rede) e

infinito (para qualquer ponto externo a rede). A inclusão/exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilitadas por tecnologia da informação que operam a velocidade da luz, configuram os processos e funções predominantes em nossa sociedade. (CASTELLS, 1999, p. 566).

A rede é formada por vários sistemas de organização social como vimos. Nem todas estão conectadas entre elas, mas há espaço para que essas várias esferas da sociedade como igreja, religião, autarquias, empresas, clubes, associações possam ir se conectando entre elas com o tempo, e com todos os indivíduos particulares. Sobre o caráter aberto da rede também nos diz Castells:

Rede são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. Rede são instrumentos apropriados para economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltados para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise a suplantação do espaço e invalidação do tempo. Mas a morfologia da rede também é uma fonte de drástica reorganização das relações de poder. As conexões que ligam as redes (por exemplo, fluxos financeiros assumindo o controle de império da mídia que influenciam os processos políticos. (CASTELLS, 1999, p. 566).

Não podemos ser ingênuos e acreditar que as redes, formadoras dos processos de globalização promovem apenas valores democráticos de liberdade para todos. Elas são, como bem ressalta Castells, reorganizadores de grupos de poder, e de dominação política. Mas por ser sistema aberto está sujeito aos vários níveis de entropia que o receptor impõe a ele, na tentativa de tornar-se sujeito. Comentar, compartilhar, curtir, postar fotos pessoais, de familiares ou de amigos são atitudes reflexivas de um sujeito “egoísta”, que quer emergir da clandestinidade que o sistema comunicacional moderno lhe impôs, pelo menos durante os últimos séculos, como leitor, espectador, e ouvinte, mais ou menos silencioso. No ponto de vista dos estudos de teorias da comunicação nunca foi fácil situar o receptor no campo da análise, estritamente dentro da área da comunicação. Souza comenta essa dificuldade no século XX:

É bem verdade que outras posturas interpretativas foram se acumulando ao longo deste século, quer rejeitando a posição funcionalista, quer apontando novas formas de práticas de estudo culturais em mudança. (...) Observe-se, por exemplo, que as indagações sobre o sujeito da recepção enfrentam dificuldades originárias da prática de estudos acadêmicos, como no caso brasileiro, em que está muito viva a segmentação da produção e pesquisa em campos disciplinares nem sempre veiculam entre si resultados e possibilidades: questões ligadas ao sujeito são quase sempre remetidas às dimensões da psicologia, ou da filosofia e da política; já as questões que se ligam à recepção são ainda vinculadas, de forma mais próxima, a estudos de audiência, de opinião pública e de consumo, ou a áreas de competência profissional, como publicidade, pesquisas de opinião e de audiência, *marketing* etc. (SOUZA, 1995, p. 14, 15).

Se era difícil encarar as condições de contribuição do receptor para a constituição de significados no processo final da transformação das mensagens em comunicação de fato, a dificuldade aumentou para o analista, no sentido das convergências dos meios. Antes estávamos diante do leitor de jornais impressos ou de revistas, do espectador de cinema ou telespectador, ou do ouvinte de rádio ou de discos gravados para serem ouvidos *at home*. Agora estamos diante de um receptor mais ativo que tem nas redes sociais os dispositivos de jornais, portais de notícias, link para áudios, músicas, vídeos, filmes, TV e muito mais. De certo modo a convergência dos meios acelera o processo da dromoapitidão, e dificulta a análise da materialidade dos meios, de ver como essas materialidades plurais interferem na recepção. McLuhan foi incansável na tentativa de nos alertar para os modos como a materialidade dos meios interferem na recepção, na formação de sujeitos:

A página impressa constitui em si mesma uma forma altamente especializada (e especializada) de comunicação. Em 1500 d.C. era revolucionária. E Erasmo foi o primeiro a compreender o fato de que a revolução iria ocorrer sobretudo na sala de aula. Ele dedicou-se à preparação de compêndios e organização de ginásios. O livro impresso de repente liquidou com 2 mil anos de cultura manuscrita. Criou o estudante solitário. Estabeleceu o predomínio da interpretação particular sobre o debate público. Estabeleceu o divórcio entre a “literatura e a vida”. Criou uma cultura altamente abstrata porque ele mesmo era uma forma mecanizada de cultura. (MCLUHAN, 2005, p. 154).

O que o audiovisual faz dentro das páginas digitais dos jornais, ou das redes sociais é permitir ao receptor que se reconecte com a oralidade. Se o estudante havia ficado solitário com o livro, agora pode voltar ao debate público virtual. A contradição é que se começa cada vez mais cedo na vida a participação na cibercultura, e fica-se cada vez mais sozinho, apesar da rede. McLuhan (2005 p. 154) já havia apontado o caminho da mudança:

“Sabemos hoje que a mudança para o visual de um lado, isto é, para a fotografia, e para os meios auditivos de rádio e equipamento de alto-falante de outro, criou uma ambiência totalmente nova para o processo educacional”. A escola, ao que parece, participa cada vez menos da interação do estudante com essa vida “moderna”.

Martin-Barbero chama a atenção para a necessidade de inserirmos os estudos de recepção em comunicação como uma preocupação constante e contínua, na qual devemos observar as mediações. As primeiras mediações para a recepção, segundo Barbero, são as anacronias e as fragmentações. As anacronias referem-se ao que se chama em espanhol *destempo*, os vários tempos em que vivemos no mundo, principalmente na América Latina. Comunidades urbanas de metrópoles como São Paulo, Rio, Salvador, Buenos Aires, Santiago ou Caracas vivem uma vida acelerada na contemporaneidade, entre o aço, o concreto e o vidro dos arranha-céus, mas não muito longe delas há vidas que se desenvolvem com práticas ainda medievais. E as fragmentações sociais e culturais têm a ver com os vários sentidos da história, e não com uma história única, como costumamos pensar. A velocidade da Internet conecta as pessoas dessas fragmentações e *destempos* num tempo único da velocidade, mas cada um desses receptores age de forma particular, diante de todas as possibilidades de comunicação e de entretenimento. Esportes, informações, ritmos musicais, dramas e melodramas terão essa ou aquela preferência.

Uma das propostas para pensarmos os estudos de recepção como uma nova epistemologia nesse novo quadro do receptor/emissor da cibercultura, passa pela proposta de abandonarmos a teoria da hegemonia. Aquela que vê nos meios de comunicação aparatos de reprodução de poder das classes dominantes. Meios funcionando apenas como reforços da hegemonia, sem considerar que os significados não saem prontos de um grupo, passa pelos meios e chega intocado na classe, supostamente dominada. Essa visão sociológica perde de vista os aspectos semióticos da comunicação. Stuart Hall nos deu uma boa contribuição nessa temática. Segundo Silas de Paula:

Hall pensou o processo de comunicação (Comunicação de Massa) “como uma estrutura produzida e sustentada através da articulação de momentos interligados, porém distintos – produção, circulação, distribuição/consumo, reprodução” (...) Ele buscava uma combinação da sociologia com a semiótica no estudo da construção do sentido, com perspectivas voltadas para o poder cultural e as relações sociais. Seu modelo não se preocupava somente com a atividade da audiência, mas também com a efetividade do texto, numa tentativa de ir além da soberania do consumidor postulada pelos pesquisadores ligados à abordagem denominada de *‘usos e gratificações’*.

Neste sentido era uma tentativa de refinamento da teoria da Hegemonia. (PAULA, 1998, p 134).

Se há uma mobilidade líquida, Bauman (2007), que estaríamos vivendo nessa época pós-moderna, de sociedade da informação e cibercultura, estamos diante de signos em movimentos, que fogem do palpável. Tudo está aqui e não está em termos de sons, imagens e visualidades. Os conceitos de concreto e abstrato se mesclam e se confundem, trazendo dificuldades para a definição de uma teoria da materialidade dos meios. Da recepção que se constrói a partir da interação com a linguagem, e não com a realidade diretamente. Hall estava inspirado na semiótica da visualidade de Roland Barthes (ideologia e conotação visual), nos argumentos sobre as leituras anárquicas das audiências, de Umberto Eco, e na teoria da percepção múltipla dos signos, de Voloshinov. Teria, assim, trazido para os Estudos Culturais a perspectiva de pensar a linguagem da mídia como códigos de codificação e decodificação, cujas significações são construídas durante o processo, e não *a priori*, nas salas de executivos ou repartições de governos, por exemplo, como pensava, e ainda pensa, parte da crítica mais corrente:

Para Hall, no entanto, a linguagem da mídia não funciona como uma linha direta para a transmissão de ideias, ou para se perceber o mundo social, e sim como um sistema refrativo de signos. Os momentos de codificação e decodificação são específicos em relação ao processo comunicativo como um todo. Qualquer evento precisa ser transformado em história, em discurso, em texto, para se tornar um evento comunicativo, e este processo está sempre sujeito ao trabalho simbólico, i, e., depende de todas as regras formais da linguagem. No outro extremo do evento comunicativo, a audiência está engajada, também, em um processo semiótico. (PAULA, 1998, p. 134, 135).

Diante da cultura digital e móvel, também por sua velocidade, estamos como postulou Kant, sobre o nosso entendimento diante da realidade. Segundo Kant (1997), nós nunca conheceríamos a realidade em si – destaque para seu famoso conceito (**a coisa em si**), porque a realidade é composta de fenômenos e só podemos apreender uma emanção que viria desses fenômenos, nunca a realidade ela mesma. Para enxergar um objeto eu vejo a luz que emana dele, seja ele produtor da luz ou luz refletida do sol, e essa luz forma a imagem do objeto no meu cérebro. A partir de imagem mental meu sistema cognitivo calcula o tamanho do objeto, sua distância do meu corpo etc. A temperatura de suas cores me ajudam a atribuir uma cor para esse objeto. Filosoficamente já estava colocado aí a existência de uma interface entre o homem e a realidade. O que para Peirce (2000) vem a

ser a semiótica. A questão ontológica da nossa existência, em dependência dos signos que fazem a mediação entre nós e tudo o que vemos na realidade, material ou imaterial, aponta também para uma possibilidade ontológica do signo. O que é o real? Uma frase explica de forma magistral: “o real é algo que está lá fora e que se força sobre nós.” O que é a velocidade? A velocidade faz parte dessa realidade contemporânea, que se força sobre nós.

Considerações finais

Como vimos tudo é muito rápido na velocidade de produção da informação nos meios digitais: jornais online, portais, e redes sociais. O receptor lê tudo muito rápido, comenta e compartilha, e é comentado e compartilhado em cadeia, muito rápido. No final de um dia, ou de uma semana um grupo de amigos comentou várias vezes a mesma notícia, muitos não souberam nem saberão suas fontes, sua veracidade, a lógica da velocidade não permite. A informação perde espaço para a opinião nas redes sociais, o receptor agora também é emissor, e tudo que ele quer é dar sua opinião, que se torna mais importante que a própria informação. Há fatores positivos nessa era do receptor/emissor, mas há também esses, negativos, entre outros. Não é que a velocidade seja apenas o problema nessa nova era da comunicação, ela é a própria geradora desse estágio capitalista atual, que se propõe democrático pela acessibilidade. A velocidade ocupa o lugar do terceiro ato no nosso drama, não deixa que ele termine, como um ponto de virada que joga emissor/receptor direto do segundo ato para outro drama. Talvez necessitemos desenvolver processos cognitivos de percepção mais velozes para completarmos o processo da comunicação. Investigar como fica o status de sujeito nesse novo processo comunicacional. Há um sujeito oculto no processo de recepção, que agora está emergindo nessa nova fase de receptor/emissor.

As redes sociais assumiram um papel muito importante na vida de milhões de pessoas, de forma coletiva e individualizada, o que torna de suma importância entender esse processo pelo qual estamos passando nessa era virtual, onde os novos meios convivem com os velhos. Na perspectiva de Tomas Kun sobre “as revoluções científicas” e criação de “novos paradigma científicos” pensamos que as redes sociais estão operando uma revolução, sobretudo social, mas também política e econômica, onde o usuário é o homem empírico, que emerge como sujeito, muitas vezes expressando consciência política em suas

atuações, e outras denotando um total *nonsense*. Do ponto de vista acadêmico é com esse homem empírico e as possibilidades que os meios nos oferecem hoje em dia que a metodologia e as teorias devem lidar. Tarefa nada fácil, mas instigadora das preocupações levantadas nesta pesquisa.

Ademais das considerações sobre o mercado de produção e consumo de bens para a comunicação, das questões de construção e manutenção de poder, precisamos inserir os estudos sobre os aspectos semióticos da comunicação. Aprender a ler as relações de linguagem que se constituem em história, em discursos, na interação dos sujeitos com os signos, sempre em rotação, cada vez mais velozes dentro e fora do ciberespaço. Por um erro de formulação do problema, no avatar do segundo paradójico de Zenon, Aquiles deu dez metros de vantagem para a tartaruga. Passou a correr sem nunca poder alcançá-la, pois o perseguidor teria de passar pelo local que o perseguido acabava de evacuar. Foi preciso que Aristóteles reformulasse o paradójico de Zenon para que Aquiles pudesse ultrapassar a tartaruga. Precisamos de novas metodologias e novas epistemologias para tentar vencer essa corrida, na qual o usuário das redes, este homem empírico da cibercultura, tem dez metros de vantagem em relação ao pesquisador da comunicação.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. – Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. – Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1). Tradução Roneide Venancio Majer. 6ª edição. São Paulo: Paz Terra, 1999.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos; Alexandre Fradique Morujão. 4 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1997.

KUN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 5ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

LEMOS, André. **Cibercultura e Mobilidade: A Era da Conexão**, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf>>. Acesso em: 26 Abr. 2016.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MARTIN-BARBERO, Jesus. América Latina e os anos recentes: o estudo de recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MCLUHAN, M. Visão, som e fúria. In: Luiz Costa Lima (Org.). **Teoria da Cultura de Massa**. 7º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

PAULA, Silas de. Estudos culturais e receptor ativo. In: Antônio Albino Canelas, Ione Maria Ghislene Bentz, Milton José Pinto (Orgs.). **Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. 3ª. edição. São Paulo: Perspectiva, 2000.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. 2ª. edição. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e arte do pós-humano: da cultura de mídias à cibercultura**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SOUSA, Mauro Wilton. “Recepção e comunicação: a busca do sujeito”. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TRIVINHO, Eugênio. **A Dromocracia Cibercultural**: lógica da vida humana na civilização mediática avançada. São Paulo: Paulus, 2007.

TRIVINHO, Eugênio. **O mal-estar da teoria**: A condição da crítica na sociedade tecnológica atual. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e Política**. Tradução: Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.